



DIZEM QUE O **INTERNO**
É UMA SALA VAZIA
COM UMA GRANDE
JANELA QUE DÁ PARA
O CÉU. MORTOS FICAM
AMONTADOSS. UMA
PORÇÃO DE HOMENS
FOURS. A ELAS SÓ
FESTA ADMIRAR A
PENSAGEM DE PÉ, SEM
TEREM PARA ONDE IR.
COM OS OLHOS SEM
PISCAR, MONTÊM-
SE VIBRADOS NO
PARADO. SÓ CRISTE
O PARÁDIO, NADA
ALÉM DOS TERRENOS
DE DEUS. E OS DIAS
NÃO TÊM FIM. E OS
DIAS NÃO TÊM FIM.

LUCAS
BARROSO

V
I
R
O
S
E

lucalibros

Resumo de Virose

O ser humano é, antes de tudo, um crédulo. Não estávamos em 1918, quando a "gripe espanhola" matou dezenas de milhões no mundo inteiro e até um presidente eleito, no Brasil.

Estávamos um século de evolução da medicina à frente. Mesmo assim, houve alarmismo quanto à "gripe A". Os mais informados e céticos afirmavam que existiam, é claro, motivos para preocupação, mas não para paranoia.

As pessoas, porém, acreditaram que era algo seriíssimo. As pessoas gostam de acreditar. Aulas suspensas, frascos de álcool-gel em bolsas e pastas, filas para exames. Tudo isso para, pouco depois, os "especialistas" concluírem que a doença tinha a mesma gravidade da "gripe comum" e, inclusive, o mesmo índice de letalidade.

Pois é. A histeria e o exagero humano, contudo, sempre podem ser denunciados, e é muito bom quando isso acontece via arte. Neste romance, por exemplo, acontece. Lucas Barroso, jornalista, está atento aos fatos, incluindo os superdimensionados.

E usa-os muito como mote para o seu trabalho também de escritor. "Virose" é seu título de estreia e remete, sim, à epidemia de 2009. Mas "virose" também está aqui no sentido metafórico...

o leitor perceberá, assim como as alusões a outros fatos recentes, a exemplo dos oriundos das relações internacionais e da lamentavelmente sempre atuante indústria das celebridades. E aquele mais atento também saberá identificar, na prosa de Barroso, as prosas que o influenciaram: a de Nelson Rodrigues, períodos curtos, ágeis; diálogos realmente próximos da fala popular e as de John Fante e Charles Bukowski, situações que envolvem sexo, álcool e violência; personagens losers e/ou outsiders, para citar só três.

Notará ainda a proximidade da estrutura da trama, a ligar personagens de lugares e condições distintos, com a dos filmes do diretor mexicano

Alejandro González Iñárritu. As referências de Barroso, enfim, são várias; afinal "nenhum homem é uma ilha", sentenciou o grande poeta.

Mas ele consegue pôr tudo no liquidificador e adicionar, é claro, um tempero pessoal. A narrativa é fragmentada, ora vai em primeira pessoa, ora em terceira, e carrega uma história cuja densidade não se revela de imediato.

O leitor, se não for dos apressados, saberá adiante nas páginas que o estilo "filme policial" dos primeiros capítulos explica-se. E verá que os personagens são vívidos, com sutilezas psicológicas, e que o autor é capaz de observações sagazes sobre seus comportamentos.

Nas entrelinhas, encontrará ainda críticas pertinentes à sociedade brasileira, como no caso da passividade e da elasticidade ética. "Virose" é um livro ensimesmado e conectado ao mundo, ao mesmo tempo.

Olha para dentro e para fora. Como todo bom romance. Nisso, pode-se acreditar. (Lucas Colombo).

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)